

I Rastro

Pablo Simpson

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SIMPSON, P. Rastro. In: *Rastro, hesitação e memória: o tempo na poesia de Yves Bonnefoy* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2016, pp. 39-43. ISBN 978-85-6833-472-0. Available from: doi: [10.7476/9788568334720](https://doi.org/10.7476/9788568334720). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/2463f/epub/simpson-9788568334720.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

I RASTRO

Rastro, “trace”. Nem tanto um conceito, a viabilidade segura de seus modos. Vestígios, pistas. As que se anunciam em *Douve*, “tomada pelo sangue de pistas que se perdem”/ “prise par le sang de pistes qui se perdent”, ou como no *Traité du pianiste* de Yves Bonnefoy, publicado em 1946: “ele apaga os últimos rastros do assassinio”/ “il efface les dernières traces du meurtre”. Assim se dispersaram os modos de assumir e de apagar com que se inicia este estudo.

Ton visage ce soir éclairé par la terre,
Mais je vois tes yeux se corrompre
Et le mot visage n’a plus de sens (*Douve*, p.57).

[Teu rosto esta noite iluminado pela terra,
Mas vejo teus olhos corromperem-se
E a palavra rosto não tem mais sentido.]

Voltar-se para a poesia de Yves Bonnefoy, inquirindo essa imagem simples: aquilo que se inscreve como o poema, a moldura, as massas de cor, a arquitetura, materialmente, para depois apagar-se. Os passos na neve, os riscos de carvão feitos no ar. Nas palavras que evocam aquilo que as engendra e que as destrói, num único instante. Rastro, remontando às condições transcendentais de apreensão e de nosso estar no mundo. Aludindo ao estatuto ontológico paradoxal

de um ser que não é mais. O rosto iluminado pela terra, instaurado na linguagem, é o mesmo que virá desfazê-la, dizendo para o sentido, corrompido pelo movimento dos olhos, sua precariedade: “a palavra rosto não tem mais sentido”.

Com essas imagens, em sua supressão gradativa, podemos, talvez, iniciar a leitura da poesia de Yves Bonnefoy. Observar o estatuto desses vestígios que se afirmam e se perdem.

Je ne suis que parole intentée à l'absence,
L'absence détruira tout mon ressassement.
Oui, c'est bientôt périr de n'être que parole,
Et c'est tâche fatale et vain couronnement. (*Douve*, p.89)

[Eu sou apenas palavra intentada à ausência,
A ausência destruirá toda minha ruminação.
Sim, é logo perecer de ser senão palavra,
E é tarefa fatal e vão coroamento.]

Na palavra dita, “parole”, pretendendo uma presença que está no seu modo de destruição. Operam um duplo viés de aproximação da realidade, não como *mimesis*. Trata-se de uma fratura, de uma quebra entre dois graus distintos de intensidade ontológica. Isso será assunto para a ensaística de *L'Improbable* de 1959, para ensaios sobre André Breton, Baudelaire, Roland Barthes. Para Yves Bonnefoy, há um estatuto da “presença” – termo tantas vezes evocado – num lugar turvo / perturbado, “troublé”, da realidade, na folhagem “que brilha sob a folhagem”. Para dizer que há uma mais profunda, diversa, e que rompe o ideal do conceito filosófico.

O percurso é lastrear esse horizonte, no apagamento que encontra, muitas vezes, a morte, desde o ensaio “Les tombeaux de Ravenne”. Na inscrição que é a condição de abertura do poema ao outro, a suas muitas vozes, ao “eu” dividido. No rastro como testemunho, afeito a outra temporalidade. No rastro como voz, perecendo de ser “apenas palavra”. Palavra como “tâche”/ “tarefa”, buscando abertura às experiências, às durações “verdadeiramente vividas”.

O sentido deste primeiro percurso é partir de Marcel Proust, do que chamou de “equivalente espiritual”. A cena é a meditação final na biblioteca dos Guermantes. Ali a personagem tomada por uma sucessão de lembranças, indo na direção de um outro tempo, formula o lugar da obra de arte. Era preciso prolongar as sensações primeiras, das madeleines, dos campanários de Martinville, dos pavimentos desiguais. Investigá-las e extrair daí, nas marcas deixadas pelo passado, quase apagadas, a possibilidade de reencontrar-se. Fixá-las, conferir-lhes forma. A inscrição, que era o sentido da palavra literária, atestava um pertencimento e enraizamento temporais dados pela presença e constatação de um mundo envolvente. Metonímico, se se quiser retomar o conhecido ensaio de Genette. Além disso, implicava a dimensão ontológica desse “eu” que, ao inscrever, buscava discernir e propagar um dos modos de sua alteridade. Serão lidos os poemas “Vrai nom” e “La lumière profonde a besoin pour paraître” de Yves Bonnefoy, ambos de *Du Mouvement et de l’immobilité de Douve*.

Inscriver, mas para apagar / “effacer”, discernindo o que está em sua volta, nas sombras: o silêncio dos amantes, a fumaça. Rastro que será a marca da passagem dos vivos, a frase desfeita tão logo ela queima no ar:

Et soyons l’un pour l’autre comme la flamme
 Quand elle se détache du flambeau,
 La phrase de fumée un instant lisible
 Avant de s’effacer dans l’air souverain. (DLS, p.289)

[E sejamos um para o outro como a chama
 Quando se solta da tocha,
 A frase de fumaça legível um instante
 Antes de apagar-se no ar soberano.]

Rastro que visa um mar ausente, um outro mundo “para além da visão habitual”, em ensaio sobre Degas. “Things dying, things new born”, para retomar o *Winter’s tale* de Shakespeare, epígrafe de *Pierre écrite*: perdição e redenção. O espaço da palavra seria um

“entre-dois-mundos”, definindo um mundo segundo nascido do sacrifício do imediato. Assim Yves Bonnefoy mencionaria Baudelaire, na poesia, a partir de então, perigosa:

Baudelaire a ranimé la grande idée sacrificielle inscrite dans la poésie. / Il a inventé, lorsque Dieu pour beaucoup avait cessé d’être, que la mort peut être efficace. Qu’elle seule reformera l’unité de l’être perdu. (...) Elle ouvrirait au sentiment religieux, au terme de sa longue errance, la demeure de poésie. (*L’Improbable*, p.39) [Baudelaire reanimou a grande ideia sacrificial inscrita na poesia. / Inventou, quando Deus há tempos deixara de existir, que a morte pode ser eficaz. Que só ela restabelecerá a unidade do ser perdido. (...) Ela abriria ao sentimento religioso, ao fim de sua longa errância, a morada de poesia.]

Baudelaire retornaria à ideia de um lugar sacrificial, à unidade de um ser perdido. O conhecimento tornava-se conhecimento através da morte, no teatro da evidência: o corpo humano. Isso para além dos túmulos, “agravando o curso mortal”, insinuando uma voz que “deseja o que se perde”. O percurso é, nesse segundo momento, observar as imagens do corpo e da salamandra, e investigar essa ausência: na morte e na palavra, visando um mundo perdido, conferindo unidade ao ser inapreensível, abertura ao sentimento religioso. Há um conjunto de ensaios sobre Baudelaire em *L’Improbable*, em *La Verité de parole*, no *Cours de poétique au Collège de France*, na revista *Europe*, intitulado “La septième face du bruit”, dentre outros, além de um livro, *Baudelaire: la tentation de l’oubli*, de 2001, de um conjunto de conferências publicado em 2003, de uma entrevista a Jean Starobinski, *Goya, Baudelaire et la poésie*, de 2004. Todos permitem observar o que estava em “Les tombeaux de Ravenne” ou no ensaio “Les Fleurs du Mal”: morte que orienta o ser, símbolo e alegoria para o “eu” em luto. O trajeto evoca *L’Érotisme* de Georges Bataille, em sua recusa à ciência e ao conceito filosófico. Evoca os modos possíveis de abarcar a alteridade da morte. Serão lidos os poemas “Vrai corps” e “Lieu de la salamandre”, ambos de *Douve*.

O rastro é ainda inscrever para testemunhar. O ensaio “Les tombeaux de Ravenne” e as pedras de *Pierre écrite* parecem inserir a poesia de Yves Bonnefoy numa trajetória dos túmulos, como limiar de um tempo público e da temporalidade. Fratura que remonta à destinação como temporalidade autêntica em Heidegger. Em *Hier régnañt désert*, há dois sentidos que se apreendem, um deles do envelhecimento – “depois envelheci” / “puis j’ai vielli” – mas também do poema como tempo dividido, como voz. Assim estavam as árvores de *Douve*, num movimento frequente à poesia de Yves Bonnefoy: indicação de uma segunda voz, de uma testemunha.

Vous qui vous êtes effacés sur son passage,
 Qui avez refermé sur elle vos chemins,
 Impassibles garants que Douve même morte
 Sera lumière encore n’étant rien. (*Douve*, p.65)

[Vós que vos apagastes sobre sua passagem,
 Que fechastes sobre ela vossos caminhos,
 Impassíveis avais de que Douve mesmo morta
 Será luz ainda não sendo nada.]

São avais, garantias: da passagem dos vivos. O terceiro percurso buscará compreender o rastro como testemunho e transmissão. Observar como se pode responder à oposição entre tempo vulgar e temporalidade autêntica, como os sentidos da responsabilidade e da poesia como um lugar “partilhado” – imagem central a *Pierre écrite* – comportam uma proposição também sobre o testemunho. Serão lidos os poemas “Les arbres” de *Douve*, “Ménaces du témoin” e “À la voix de Kathleen Ferrier” de *Hier régnañt désert* e algumas “pedras” de *Pierre écrite*.

Em resumo – inscrição, morte e testemunho. Orientam a poesia para um tempo no instante em que ele mesmo advém de ser buscado, no que o surpreende e o desfaz, no atestado dúplice de sua presença. Afirmam, assim, um modo da angústia – da hesitação e da memória (outras duas partes deste estudo) – instaurado pelos riscos da palavra poética: “parole risquée”. Será esse o estatuto diverso, para Yves Bonnefoy, de sua mediação.